

A aproximação à fé
de Luís Miguel Cintra
Pág. 4/6

“Como é que é possível não se ter fé?”

Luís Miguel Cintra lança hoje três discos onde lê textos de padre António Vieira, do apóstolo São João e de Luís de Camões. A viagem que o trouxe até à fé demorou o tempo de uma vida. O que hoje nos conta sobre a sua relação com o mistério da vida não o podia adivinhar. Mas o actor e encenador está disposto a começar outra vez. E começa a perder o medo da morte

Tiago Bartolomeu Costa

● Luís Miguel Cintra deu por si a chorar por entre desconhecidos numa celebração das Festas da Assunção, em Espanha. O actor e encenador, director do lisboeta Teatro da Cornucópia, era só mais um entre o público que naquela catedral assistia à celebração de *Misterio Deos*, com meninos vestidos de Nossa Senhora, mais os apóstolos e uma estátua de uma mulher que, assente num candeeiro, ascendia à cúpula, que representava o céu. No fim, quando caíam papelinhos que enchiam as mãos dos espectadores, Cintra perguntou a si próprio porque se tinha emocionado. “Isto o que é? Fé? Exaltação espectacular pagã?”

“Não sei”, diz-nos hoje. “Serão coisas que terão a ver com um estado de transporte pessoal em que a pessoa se transcende e entra num estado místico. É um envolvimento físico que tem uma raiz de exaltação pessoal.”

No texto para o espectáculo *Afabulação*, de Pier Paolo Pasolini, encenado em 1999, Cintra recordava: “Desde sempre precisei de exemplos. De santos. Do exemplo de vidas políticas. Voltadas para os outros e voltadas para Deus. A nós, menos grandes, e sobretudo já passada a idade de crescer, são quem nos defende do Mal, do cinismo. E nos deixam o desejo. Ainda vontade de conhecer.” O encenador falava desta nossa condição de se “ser pequeno diante do Homem,

filho de Deus”. Hoje, quase 12 anos passados sobre a estreia, acrescenta: “Não fui formado para aderir a determinada ideologia e dizer que sou marxista ou ateu. Sempre vivi numa grande dúvida e incertezas. Agi sempre com aquilo que me parecia correcto e grande sentido de responsabilidade”, começa por dizer para explicar que, durante muitos anos, viveu o teatro e a religião como duas coisas separadas. Hoje, considera que se terá tornado actor e encenador para, eventualmente, melhor poder reflectir sobre esse mistério: “Com a idade percebi a intimidade e a lealdade para comigo, e a resolução das questões no interior de mim mesmo. Isto tem a ver com ser actor, não apenas espectador dos outros, dos espectáculos ou dos actores, nem do mistério do mundo.” “Sou actor do mistério do mundo”, diz. Aos 62 anos acredita menos no seu próprio poder e sentido de missão: “Há um desejo de pensar a vida de forma mais vasta que não a materialista, que se exalta na construção de metáforas ou de espectáculos e também no que se pode chamar fé, crença ou um espanto [em uma] transcendência da vida que a torna num mistério inexplicável.”

Quando Luís Miguel Cintra fala da vida não é da sua, mas da vida em geral. “É-me muito mais claro que a marcha da história é o somatório de muitas vidas e a minha é muito pequena quando comparada com isso. Não será um homem de 62 anos o protagonista

da evolução do mundo. Não deve ser. Confio muito mais que, mesmo que não se veja, alguma transformação existirá para a qual eu já contribuí. De alguma maneira o mundo irá progredir sempre. Sinto a necessidade de me orgulhar do que faço, mas uma humildade diferente sobre a importância que isso tem. Com o tempo, aumenta a responsabilidade individual mas diminui a responsabilidade para com a sociedade.”

Ser o autor

Foi assim, para aprender, que Cintra leu, no ano passado, o *Sermão de Quarta-feira de Cinzas*, do padre António Vieira, na Igreja de São Roque, *Apocalipse ou Revelação do Apóstolo*, de S. João, o Teólogo, na Capela do Rato (a convite do padre e poeta José Tolentino de Mendonça), e *Dez Canções de Camões*, em 2005, no Centro Cultural de Belém. As gravações são hoje lançadas, às 19h00, no Teatro da Cornucópia, pela editora Presente em edições acompanhadas de um *booklet* com os textos.

“Uma das melhores coisas do teatro é ir percebendo ao longo do tempo por que é que a tendência é esta e não outra. A meditação é sempre feita na prática. Para mim, ler um texto é um trabalho muito comparável ao de actor”, diz-nos. “A única diferença é que o corpo não é utilizado da mesma maneira, no sentido em que me exijo uma incorporação do texto de modo a que esteja na posição do autor do

próprio texto. É como se tivesse um trabalho de apropriação de uma personagem ou de um pensamento que eu acho que está por detrás de cada texto.”

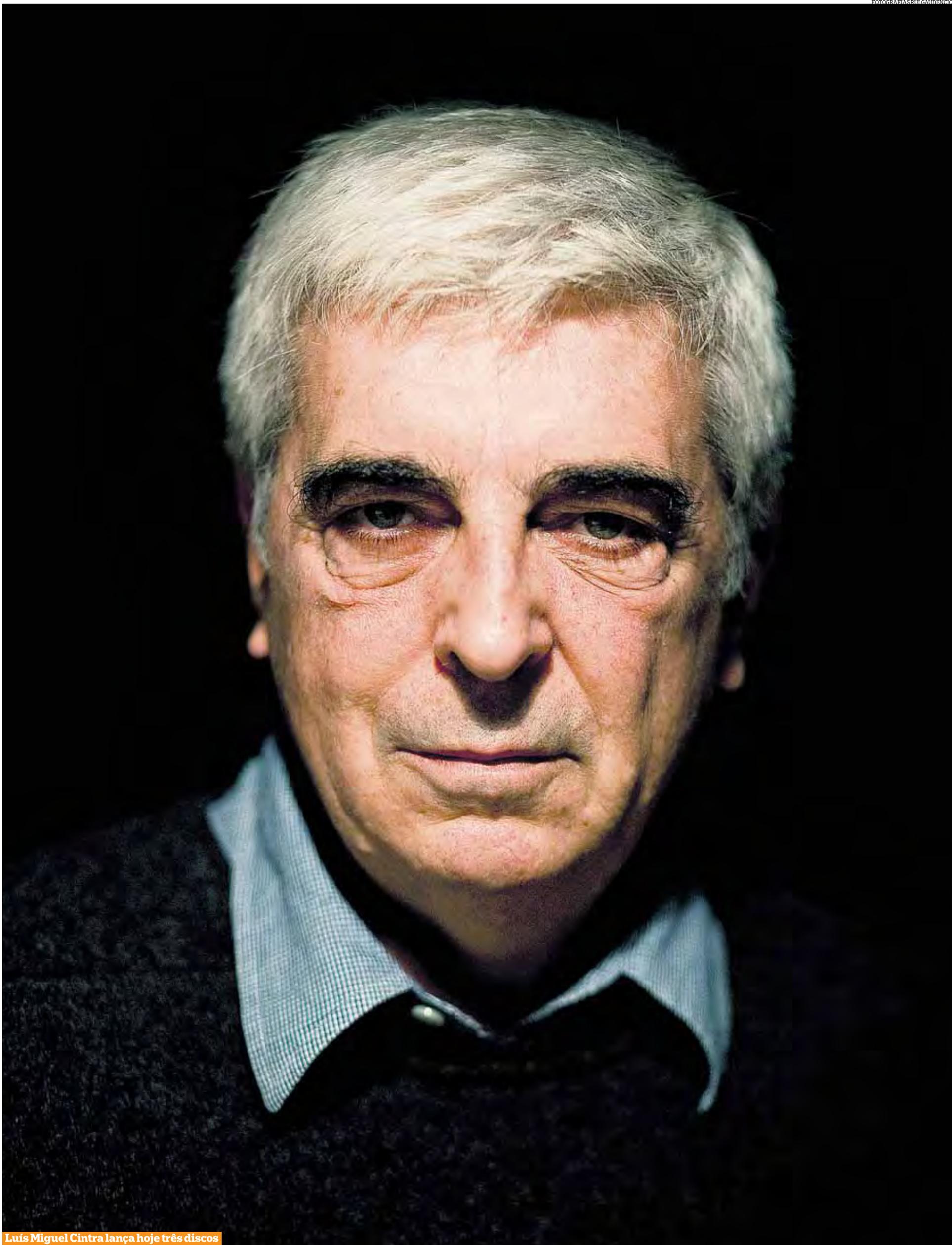
Os três textos oferecem “uma relação com a linguagem completamente diferente”, explica. “O *Apocalipse...* é muito difícil de ler, não tem estrutura, é uma acumulação de imagens paralelas, com frases iguais e cujo valor é o das imagens que se constroem com as palavras, e não o efeito que aquelas palavras provocam como comunicação com o outro.” No caso do *Sermão de Vieira*, as palavras são um instrumento de manipulação do público, explica: “Está-se a contar com a escuta permanente da outra pessoa e, nesse diálogo, com a expectativa de uma resposta.” Nos poemas de Camões, ocorre “uma transformação em espectáculo literário de coisas que são de carácter filosófico ou sentimental”. Mas será por se tornar em leitura algo que é privado “que essa linguagem actuará na sensibilidade da outra pessoa”. Luís Miguel Cintra diz que “não é uma comunicação directa e, tal como em muito poesia que se despersonaliza e se formaliza para depois haver uma reapropriação pessoal daquilo que no fundo é uma forma despersonalizada [de pensar], também o modo como os lê é uma materialização da forma como hoje olha para a vida. “Eu ofereço a minha própria leitura aos espectadores e estes não

deveriam tomá-la como se fosse a única. É como se eu devolvesse às pessoas o que sinto com este texto, clarificando-o através disso.”

E então explica-nos, ele que já foi padre António Vieira em *Palavra e Utopia* (2000), de Manoel de Oliveira: “O discurso de Vieira quando lido é muito menos claro, tal como as canções de Camões.” O texto é tipicamente barroco: a estrutura é muito funcional e, depois, está decorada com toda a forma de excessos, adornando uma ideia límpida e fundamental, contida quase na própria epígrafe do sermão: “*Pulvis es, et in pulverem reverteris*” (és pó e ao pó tornarás). Diz que se impressiona com a capacidade deste sermão “unir com artifícios de pensamento e linguagem o religioso e o profano”: “O discurso é uma só frase, é sobre a morte, mas aquilo de que fala é das vaidades humanas e da acumulação de riquezas.” Vieira sabe que manipula as pessoas e deixa que percebam que estão a ser manipuladas.

Aquilo que o actor pode oferecer, acredita, é o resultado de capacidades e instrumentos de leitura que adquiriu - de capacidade de análise, conhecimento da gramática e vocabulário -, de modo a que “se sinta qualquer coisa que é a alma, a minha personalidade”.

É essa personalidade que se emociona com a leitura de *Apocalipse ou a Revelação do Apóstolo*, texto com o qual a Igreja não sabe lidar “finda a ideia de



Luís Miguel Cintra lança hoje três discos

Inferno” e que, acredita Luís Miguel Cintra, “é ainda hoje um problema”. “Quem me conhecer notará qualquer coisa com a voz quando leio a passagem onde o demónio tenta atacar ‘o filho macho’ da Virgem. Da mesma forma me comove a relação com a mãe. E a leitura fica tingida disso. Isso ninguém me ensinou nem aprendi em lado nenhum. Há uma colagem da minha pessoa àquilo e de transmissão de uma possibilidade.” Da mesma forma diz, sem desassombro, que hoje não leria Camões como o fez em 1995, quando os gravou. É uma leitura “muito mais exposta emocionalmente e muito menos pudica”, acredita.

E com isto podemos imaginar um corpo naquelas palavras, e não apenas uma voz. Aquele corpo passa a ser o nosso corpo.

“No caso de Vieira e de São João, são pessoas que servem como intermediários e que desejam comunicar aquilo a que poderíamos chamar fé”, entende o actor, falando de textos que comunicam o que os seus autores pensam e sentem, bem como o modo como isso se aproxima de uma relação com Deus. “O *Apocalipse...* deixa-me de rastos com a capacidade de construção de metáforas e imagens que provocam temor, fé e espanto. É uma visão na qual ele não acredita, certamente, mas ser capaz de ter essa visão implica uma generosidade e estado de exaltação para com a vida e Deus gigantesco”, explica. “O mais importante nem é o que está escrito. Quem o estudou diz que é um texto muito codificado que pode corresponder a algo que se passava na época. E o que interessa na religião é a nossa capacidade de actualização de um texto como aquele. E é a nossa relação com ele e o que nele encontramos de interessante que podemos transmitir às pessoas.” O que encontra em *Apocalipse...*, por exemplo, é a dificuldade que a própria estrutura apresenta e o modo como, através dela, se revela. “Aquele texto emociona-me, mais pela capacidade de escrever e pelo que estará por detrás daquilo, mais do que o seu conteúdo, que é muito difícil perceber. Percebem-se valores gerais e uma capacidade avassaladora de crença numa filosofia que transcende todos os tempos. Uma crença na humanidade como obra divina ou mistério supremo em todas as suas contradições.”

O desejo de ser filósofo

Luís Miguel Cintra diz que sempre defendeu que não era um autor, colocando-se sempre, enquanto actor e encenador, como intérprete das obras dos outros. “Quando escolho algo para ler ou encenar, quero saber por que é que isso corresponde a uma minha faceta, por que é que a mostro e isso faz sentido para os outros.” Nem sempre foi assim: “Fui muito empurrado por muitas pessoas, num sentido ou noutro. Fui o mais possível comandado por razões afectivas. Não sabia porquê e achava que não tinha grande importância saber. Hoje acho que tem e já não é tanto assim. Por razões afectivas, eu tenho, espontaneamente, que empurrar algumas pessoas.” Isso leva-o a concluir que se tornou menos leviano. “Ainda bem que já fui. Fiz

Cintra no Teatro da Cornucópia



“Acreditar em Deus é acreditar também numa parte misteriosa da condição humana. Não consigo dissociar as duas coisas”

muitas coisas sem saber como as fiz. Como pude decorar um papel como o que fiz para o *Le Soulier de Satin* [filme de Manoel de Oliveira a partir de Paul Claudel, 1985]? Fiz e pronto. Hoje perderia muito mais tempo a reflectir.”

Le Soulier de Satin, como *O Convento* [Oliveira, 1995], onde interpretou o Diabo, são exemplos do modo como a religião pode atravessar o corpo de Luís Miguel Cintra, através de personagens que interpretou para outros. Mas nas peças que escolheu encenar no Teatro da Cornucópia, a religião é, afinal, uma presença frequente, que podemos começar a traçar desde *Oratória* (1983, textos de Gil Vicente, Goethe e Brecht), passando por *Afabulação* (1999, Pasolini), *Sangue no Pescoço do Gato* (2005, Fassbinder), *Filoctetes* (2006, Sófocles), e, acentuando-se nos últimos dois anos, *Miserere* (2010, a partir de Gil Vicente), *Fim de Citação* (2010, vários autores), *A Morte de Judas* (2011, Paul Claudel, 2011) e *Ela* (2011, Genet, onde faz de Papa).

Se lhe perguntamos o que mudou, diz que começou “a pensar”: “Hoje quero perceber tudo. Quero ser filósofo.” Viveu a sua vida muito colado ao quotidiano, à acção, como se não houvesse espaço para a reflexão e a necessidade de pensamento

religioso. “Isso agora regressa. Tomo consciência de como ela existiu desde sempre, [mas] quero dar-lhe uma forma mais concreta.”

“Estou integrado no que se chama a ideologia cristã”, diz-nos, ele que veio de um círculo familiar de católicos de esquerda. “Custame a ideia de missão universal, a de tornar todo o mundo cristão. Não me passaria pela cabeça que um árabe passasse a ser cristão, mas comove-me tanto um árabe virado para Meca como um cristão de joelhos num altar.” A questão é mais profunda: “Como é que é possível não se ter fé? Como se pode viver sem necessidade de acreditar em nada a não ser o que é comprovado cientificamente? É deixar escapar uma parte principal da vida”. E resume: “É por isso que me comovo.”

Luís Miguel Cintra diz que “não é uma ovelha para receber uma ideologia e a aplicar”, precisa e tem de a “construir com a ajuda de outras pessoas”. “Mas tenho que a construir, primeiro, sozinho. A sociedade, como hoje a vivemos, separa as pessoas. Mas a minha esperança é que, como indivíduos, se espere que construamos uma transformação interior que volte a reunir as pessoas socialmente. A minha contribuição é o meu trabalho, feito de coisas muito ridículas como a encenação de uma peça, ou a interpretação de um papel que leva a determinada reacção que pode nem ser intelectualizada.” Hoje, descrente de que a sociedade tenha sabido organizar-me de forma a poder responder aos sonhos imaginados nos períodos revolucionários, diz que “não existem colectivos, mas pessoas individuais que, por razões completamente diferentes, e maneiras de sentir de maneiras diferentes, se juntam para um objectivo comum.” Foi isso que a Igreja, quando se confundiu com o poder e criou o Império Romano, não percebeu.

“O que a Igreja devia pensar é no que pode existir de comum em todas as pessoas que aderem à religião cristã.” Isso são os textos e não os significados. “Os textos são metáforas que exigem uma interpretação individual. Quando uma pessoa está a meu lado na missa e diz ‘Creio em Deus Pai’, respeito que a essa imagem corresponda uma pintura que tenha visto num museu ou uma ideia de superpai que ela tenha na cabeça. A Igreja não devia impor às pessoas uma unidade tal que despersonalize o envolvimento das pessoas naquilo e que torne as pessoas burras. A Igreja devia produzir a apropriação individual de toda a mitologia cristã, mesmo que isso levasse ao fim do poder da Igreja.” E esse será o problema, acredita.

Deus existirá nas palavras

“Os fundadores da religião cristã são os discípulos de Jesus Cristo e foram esses textos que inventaram a ideia de Deus. Uma das coisas que mais indignam na evolução da Igreja e sua na actual posição é a falta de memória. Não sabemos se Cristo foi o que disseram. Interessa o que os evangelistas escreveram e é essa história que é portadora de determinados valores nos quais acreditamos ou não, mas a partir dos quais nasce uma ideia de Deus, um difícil de definir, porque, se não o fosse, não era Deus.”

Para Cintra, essa ideia de Deus existirá também nas palavras: “Acreditar em Deus é acreditar também numa parte misteriosa da condição humana. Não consigo dissociar as duas coisas. Deus existirá ou não na capacidade de os homens o pensarem e de lhe darem um verdadeiro sentido. O que me agrada no cristianismo é a ideia de que Deus se torna homem. Não tem forma, ao contrário dos deuses gregos, e toma a forma humana. A forma humana pôde, um dia, conter divindade. Isso para

mim é fundamental porque diz que é do ser humano que parte a sua transcendência. E é a isso que se chama alma, porque o anima.”

É daí que surge a sua relação com os textos agora editados: “Espero que a minha forma de ler o *Apocalipse...* toque determinadas pessoas pelo que na minha interpretação possa haver de relação com o próprio texto.”

Há aqui um espírito de missão que anula o efeito transformador colectivo para operar a uma escala individual. “Com o meu trabalho, penso que posso criar padrões de felicidade que não sejam os padrões adquiridos. E todos os agentes culturais têm uma responsabilidade pública muito grande se, de facto, estiverem interessados em mais alguma coisa do que em si próprios.”

Luís Miguel Cintra fala da verdade dessa exposição e do modo como isso o faz pensar na vida, que já não será a dele: “Gosto imenso da vida, mas tenho que me conciliar com a ideia de que ela vai acabar. Só o consigo fazer se pensar que a vida não é só a minha, mas a das outras pessoas todas.” A meditação sobre a morte ajuda-o a pensar nisso. E a consciência de que um dia acabará - “pode ser mais cedo do que imaginei” - torna-se indispensável para poder continuar a viver até lá. “Tenho que pensar que sou pó. Eu e toda a gente. Quanto mais me habituo à ideia de que vou morrer, mais necessidade tenho de pensar que existem outras vidas que vão continuar. E fico a gostar mais da vida, porque gosto do que as outras pessoas vivem e fazem. Há uma espécie de corrente que transcende o destino individual e que se vai prolongando entre gerações. O que vivi provoca mais vida.” É a isso que ele chama ter fé.

